

Carter duvida que América Latina e EUA paguem débitos principais

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O ex-Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, em entrevista a uma rede de televisão, disse que "os países da América Latina não vão pagar a dívida externa, assim como os EUA não vão saldar o principal de sua dívida".

Ele lamentou que, nos últimos três ou quatro anos, as nações da região tenham pago (em juros e amortizações) "15 vezes mais do que o valor total do Plano Marshall, que recuperou a Europa depois da Segunda Guerra Mundial".

Carter está organizando um seminário sobre o endividamento latino-americano na Emory University, em Atlanta, desde o início da semana. Ontem discursaram vários banqueiros e o Ministro da Economia do México, Jesus Silva Herzog.

— Os países desenvolvidos deveriam ajudar o México. Eles vão economizar de US\$ 60 bilhões a US\$ 80 bilhões este ano por causa da queda do preço do petróleo. Por isso o México, que sofreu mais com a crise, deveria ser ajudado — disse Herzog.

O Ministro afirmou ainda que, "como a receita de exportação do México depende em 70 por cento do petróleo, que está em baixa, o país terá dificuldade com o pagamento dos juros da dívida externa.

Muitos banqueiros estão participando do encontro, entre eles o Coordenador da Dívida Externa brasileira, William Rhodes. Terrence Canavan, do Chemical Bank de Nova York, defendeu o aumento dos créditos dos bancos para a América Latina mas com juros de mercado.

— Não podemos baixar os juros, pois perderíamos nos empréstimos.

A conferência convocada por Carter conta com a presença de políticos americanos e de representantes oficiais do FMI, como Eduardo Wisner. As conclusões do encontro têm sido críticas aos bancos credores. Como o próprio Carter destacou, "a América Latina está destinando 50 por cento das suas exportações ao pagamento dos juros da dívida externa. Os bancos pararam de prestar dinheiro. Investimentos são essenciais para o crescimento econômico e para a modernização da região".

● O Presidente do Banco Mundial (Bird), Alden Clausen, proporá amanhã, em discurso perante o Comitê de Desenvolvimento do Bird e do Fundo Monetário Internacional (FMI), o aumento do capital de sua instituição em US\$ 53 bilhões, para que o banco possa ampliar os empréstimos em 88,6 por cento até 1990. Se a proposta for aprovada, o capital do Bird passará de US\$ 80 bilhões para US\$ 133 bilhões e os créditos, de US\$ 11,4 bilhões em 1985 para US\$ 21,5 bilhões em 1990. Para o corrente ano fiscal, Clausen propõe emprestar US\$ 13,5 bilhões.